

Coro

Casa da Música

Pedro Teixeira direcção musical

29 Mai 2022 · 18:00 Sala Suggia



casa da música



Leia o código QR e veja a entrevista com o maestro
Pedro Teixeira sobre o programa do concerto.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Josef Gabriel Rheinberger

Abendlied, op. 69 n.º 3 (1855)

Carlo Gesualdo

Tenebræ factæ sunt (1611)

Eurico Carrapatoso

O vos omnes (de *Motetes para um tempo de Paixão*) (2002)

Eric Whitacre

Water Night (1994)

Francis Poulenc

Un soir de neige, pequena cantata de câmara (1944)

1. De grandes cuillers de neige...
2. La bonne neige...
3. Bois meurtri...
4. La nuit le froid la solitude...

John Tavener

As One Who Has Slept (1996)

Rui Paulo Teixeira

Tenebræ et Lux (*Moteto-Doloroso para um Momento de Oração*) (2019)

Alfredo Teixeira

O Magnificat de Álvaro de Campos

(*ensaio coral sobre um poema de Álvaro de Campos*) (2013)

Paweł Łukaszewski

Nunc dimittis (2007)

Ēriks Ešenvalds

Stars (2011)

Textos originais e traduções nas páginas 8 a 14.

Duração aproximada do concerto: 1 hora sem intervalo.

Josef Gabriel Rheinberger

VADUZ, 17 DE MARÇO DE 1839

MUNIQUE, 25 DE NOVEMBRO DE 1901

Nascido em Liechtenstein, mas residente na Alemanha durante a maior parte de sua vida, foi um organista e compositor do período romântico na Alemanha, tendo sido professor em Munique. Deixou uma obra extensa, com particular relevo para a música sacra, nomeadamente na significativa produção para órgão ou para vozes.

Abendlied é um celebrado motete escrito sobre um excerto de um texto bíblico, do Evangelho de S. Lucas (na conhecida narrativa dos discípulos no caminho para Emaús).

É uma obra extraordinária que revela em breves minutos a maestria do seu autor no domínio da escrita coral, na beleza das linhas melódicas, no jogo contrapontístico, na expressiva condução da harmonia, na transparência e perfeição da forma, num clima expressivo que está latente em todos os pormenores e capaz de tocar todos os ouvintes.

Está tão perto da perfeição que nela revelamos as qualidades mais universais da grande escrita coral de todos os tempos, seja da Renascença (Lassus ou Palestrina), do Barroco (de Bach a Händel), do Classicismo (Mozart ou Haydn) ou do Romantismo (Mendelssohn ou Brahms).

Carlo Gesualdo

VENOSA, 8 DE MARÇO DE 1566

VENOSA, 8 DE SETEMBRO DE 1613

De família nobre, foi Príncipe de Venosa e Conde de Conza. É um dos maiores vultos da música renascentista em Itália e uma das figuras de referência na transição para o séc. XVII. Numa obra marcada por madrigais, motetes e música instrumental, são justamente célebres os seus 6 Livros de Madrigais e os motetes para a Semana Santa, *Tenebræ Responsoria*. Em tudo semelhantes, na escrita, ao dramatismo e a expressividade dos seus madrigais, estes motetes traduzem de forma igualmente excepcional todo o dramatismo da Paixão de Cristo. Desconhece-se a origem destas obras, mas provavelmente não resultam de qualquer encomenda ou obrigação de ofício, antes da sua própria iniciativa.

Tenebræ factæ sunt é baseado num dos responsórios de Sexta-feira Santa, em cujo texto se relata a morte de Jesus e as suas últimas palavras na cruz. A originalidade da sua escrita assenta numa relação perfeita da música com o texto, potenciando as virtualidades expressivas das palavras através de uma escrita musical muito avançada para o seu tempo. Ela evidencia-se nomeadamente pelos cromatismos frequentes, utilizando ao mesmo tempo o colorido harmónico como elemento relevante para a criação e a condução da trama musical. Atente-se no registo denso e grave do início em “*tenebræ factæ sunt*” ou na instabilidade e estranheza próxima do paroxismo de “*dum crucifixissent Jesum*”; na tradução harmónica de “*voce magna*”, na sonoridade e aspereza sublinhando a incompreensão de “*ut quid me dereliquisti*”; ou na escrita descendente de “*et inclinatio capite*”.

Eurico Carrapatoso

ALVITES (MIRANDELA), 15 DE FEVEREIRO DE 1962

Tem desenvolvido uma intensa actividade como compositor, expressa em muitas obras estreadas e editadas em partitura ou em CD. Tem um extenso catálogo, onde sobressaem muitas obras envolvendo vozes, quer a solo quer em coro, ou com formações instrumentais e orquestrais.

O motete ***O vos omnes*** (2002) é um dos responsáveis do dia de sábado da Semana Santa. Traduzido em música por muitos compositores ao longo da história, dos antigos aos mais modernos, tem leituras de referência na maior parte dos compositores do Renascimento, de Palestrina a Manuel Cardoso, de Victoria a Francisco Martins, Lassus ou Gesualdo.

Tal como em *Tenebræ factæ sunt*, também pelo texto deste motete perpassa um clima de grande carga dramática e expressiva, que Eurico Carrapatoso traduz numa leitura sempre pessoal, bebida nas sonoridades polifónicas renascentistas que tão bem conhece.

Esta é uma escrita medularmente modal, diatónica, com alargamento dos registos até à maior amplitude de uma voz solista de soprano. Merece sublinhado a excepcional tradução harmónica e expressiva de “sicut dolor meus”, um verdadeiro resumo de todo o motete.

Esta peça pertence a uma obra maior — *Motetes para um tempo de Paixão* — num registo peculiar onde se alternam o universo de uma concepção clássica e o registo da música tradicional mais genuína. Ou seja: o cruzamento do registo clássico do motete (polifonia, em latim) com o contexto da música tradicional portuguesa, alusivo à quadra da Paixão. Duas tradições de fonte diversa. Sem qualquer pingó de contradição.

Eurico Carrapatoso vem fazendo isto mesmo, repetidas vezes, em outras obras, de alguma forma combinando duas das grandes forças motrizes do seu trabalho de compositor que, não se esgotando na música coral, nem sequer nos registos da revisitação do legado popular, se encontra plenamente no seu meio de homem livre, articulando no mesmo espaço duas realidades tão distintas. É preciso não perder de vista que, para além de todas as querelas de escolas e estéticas, esta música respira em todas as suas notas os universos culturais mais profundos e a autenticidade mais desarmante. Sem qualquer espécie de conflito entre sacro e profano, ou entre erudito e popular. Muito menos, entre antigo e novo. Por aqui passa uma visão muito pessoal do ofício de compor. Percebemos bem que Eurico Carrapatoso escreve com o coração nas mãos. Não apetece falar. Apenas ouvir ou, ainda melhor, cantar.

Eric Whitacre

RENO (NEVADA), 2 DE JANEIRO DE 1970

É um compositor americano de música orquestral e electrónica centrado na música coral, muito popular em iniciativas e projectos em todo o mundo. É verdadeiramente uma *superstar* da música coral nos dias de hoje. Frequentou a Universidade de Nevada (Las Vegas) e diplomou-se na Juilliard School, onde estudou composição.

Water Night (1994), escrita sobre um poema do escritor mexicano e Prémio Nobel Octavio Paz, é uma obra coral emblemática do tipo de linguagem musical que Whitacre ajudou a popularizar, na senda de um cada vez mais numeroso universo de compositores actuais. A escrita é de matriz quase diatónica, radicalmente modal, com referências harmónicas praticamente

constantes. Volta-se sempre à mesma base — uma espécie de pedal infinita que guardamos instintivamente, mesmo quando a música se afasta para outras regiões. Lá regressará.

O alargamento da matéria harmónica faz-se constantemente, acrescentando novos intervalos da mesma escala (em boa parte com intervalos de segunda). Por vezes sobrepoem-se as notas todas da escala, criando tensão ou movimento. Mas o resultado nunca é de fricção ou aspereza. Alguns desses “clusters” são totalmente luminosos, ainda que não se utilize uma harmonia clássica. O perfil modal e diatónico desta música torna-a próxima da sonoridade polioral da Renascença, mas a harmonia e a abertura dos acordes apontam obviamente noutras novas direcções.

Há um lado contemplativo, estático e horizontal em boa parte desta música. Ela está muitas vezes para lá da modulação ou da trama do cromatismo. Talvez por isso a sua capacidade de comunicação seja imediata.

Francis Poulenc

PARIS, 7 DE JANEIRO DE 1889

PARIS, 30 DE JANEIRO DE 1963

Desempenha um papel muito próprio na música francesa da primeira metade do séc. XX. Espírito independente e não alinhado, nunca frequentou formalmente o conservatório, mas estudou com diversos professores e compositores, nomeadamente com Charles Koechlin.

Fez parte do célebre “Grupo dos Seis”, que marcou a música francesa do seu tempo. Autor de uma obra bastante extensa e ecléctica, com traços de uma visão pessoal, deixou obra em quase todos os géneros, embora se destaque tudo o que escreveu para vozes, a solo ou em coro. Óperas (*Dialogues des Carmélites* a mais

importante), concertos, bailados, música de câmara, música instrumental, ciclos de canções (com referência especial para as obras sobre poemas do grande Paul Éluard, poeta com quem trabalhou em diversas ocasiões).

Un soir de neige é uma pequena cantata de câmara, para coro “a capella” sobre poemas de Paul Éluard (1895-1952). Compreende quatro partes distintas, cada uma delas desenhando um espaço único de acordo com o ambiente de cada poema.

Na primeira — “De grandes cuillers de neige” —, as vozes femininas cantam a parte inicial do texto, num registo de grande simplicidade; juntam-se as vozes graves na nova parte do texto (sentido narrativo e plano, com alguns sublinhados particulares, nomeadamente no final).

Na segunda — “La bonne neige” —, o clima geral, descritivo, é subitamente confrontado com um alargamento das vozes, rematado por uma súbita e muito expressiva mudança, em “la fuite en flèche”, no final da frase, retomado da mesma forma no final. Sempre o texto...

A terceira — “Bois meurtri” — tem um sentido dramático latente, logo desde na primeira frase, com acordes inesperados em movimento descendente. Esta sequência de acordes vai balizar o espaço harmónico, pontuando tudo. A condução harmónica, muito rica, ajuda a criar o ambiente específico para cada imagem ou adjectivo, sublinhando a maior densidade e movimento de toda a parte central. O fim é como o princípio, mas mais grave e mais longe... com um expressivo final para “bois mort”.

A quarta — “La nuit le froid la solitude” — é a peça mais afirmativa, marcada por uma condução harmónica de inesperados sublinhados com acordes amplos e sonoros. Na sua brevidade, não deixa de surpreender a escrita polifónica do início (vozes duas a duas), frase

a frase evoluindo para uma escrita mais densa, até ao conjunto das seis vozes, apenas no brevíssimo final.

John Tavener

WEMBLEY, 28 DE JANEIRO DE 1944

CHILD OKEFORD, 12 DE NOVEMBRO DE 2013

Estudou na Royal Academy of Music, desde logo iniciando uma bem-sucedida carreira de compositor (mais de 300 obras). Inicialmente mais próximo de Stravinski e mais fascinado pela escrita de Messiaen, converteu-se à Igreja Ortodoxa Russa em 1977, facto que exerceu grande influência sobre a sua obra posterior. A sua música inscreve-se no que alguns apelidam de minimalismo místico, com claras referências a outros compositores contemporâneos como Arvo Pärt.

A escrita de *As One Who Has Slept* é muito clara, atribuindo aos dois coros papéis e escritas completamente distintos. O segundo coro (SATB) sustenta longamente o mesmo acorde dentro de cada secção. São quatro acordes apenas, no total. Sobre eles se desenvolve o primeiro coro, numa perspectiva que poderíamos considerar politonal, não fosse a grande semelhança entre os acordes “distintos”, cantados por cada coro. Sensivelmente a partir do meio da peça, o processo repete-se um tom acima, terminando num clima contemplativo e quase estático que marca a sonoridade geral da peça.

Nas palavras do próprio compositor, “o clima de *As One Who Has Slept*, extraído da grande liturgia de São Basílio, na manhã de Sábado de Páscoa, está cheio de temor, silêncio e expectativa. A atmosfera é profundamente solene, porque estamos diante do maior mistério da nossa salvação”.

Rui Paulo Teixeira

KINSHASA, 27 DE OUTUBRO DE 1973

Compositor da nova geração, com estudos realizados no Porto, entre o Conservatório e a ESMAE, tem estado particularmente activo nos domínios da música coral, durante bastante tempo ao lado da sua outra função, como director de coros.

Tenebræ et Lux (2019) articula dentro da obra duas fontes completamente distintas: excertos de poemas de Eugénio de Andrade e o texto de um dos responsórios de Sexta-feira Santa (ouvido neste mesmo concerto, na leitura de Carlo Gesualdo). Tal como na obra de Carrapatoso — *Motetes para um tempo de Paixão* — antes referida, também aqui não existe qualquer conflito entre as fontes utilizadas. Temos novamente uma alternância de latim e português e de narração (prosa) e escrita poética, para além dos processos musicais a que recorreu o compositor e que vão ao fundo da história da polifonia e do cantochão, alargando os espaços a uma escrita mais aberta. Mas é óbvio que a oposição está principalmente no título da obra, que desde logo enuncia “trevas e luz”.

O primeiro e mais extenso poema de Eugénio de Andrade é apresentado numa “salmódia-recitativo”, cantada sobre notas pedais. Segue-se a primeira parte do responsório do “*Tenebræ factæ sunt*”, numa escrita que recupera o idioma da polifonia.

O segundo excerto de Eugénio é agora declamado sobre sonoridades planas, em acordes, que nos surgem como uma espécie de substitutos das notas pedais anteriores. A nova intervenção do coro, com a segunda parte do motete “*Tenebræ factæ sunt*”, é agora mais ampla, com as vozes do coro divididas em oito partes, às quais se acrescentam quatro vozes

solistas que passam a encarregar-se da polifonia, ouvida sobre um longo acorde em *pianissimo*. Ainda regressa um outro excerto de Eugénio, com o cantochão (poema) cantado por vozes graves sob pedais das vozes femininas, terminando com outro excerto (“a luz”) em que os processos se vão confundindo, até à entrada do órgão, distantíssimo, num final impreciso.

Alfredo Teixeira

LISBOA, 1965

Desde cedo comprometido com a direcção coral e com a composição para vozes, nomeadamente em coro, com ou sem instrumentos, tem mantido uma significativa actividade musical e criativa, expressa em numerosas obras que vão circulando pelos nossos coros ou formações instrumentais. Tem trabalhado frequentes vezes com textos de alguns dos nossos maiores poetas contemporâneos.

A excepcionalidade da escrita de Pessoa, aliás aqui Álvaro de Campos, tem sido terreno para várias abordagens musicais. Na base de todas elas estará sempre, obviamente, a corporização do que as palavras trazem dentro. Assim, também aqui o poema delimita a escrita musical de *Magnificat* e o seu alcance. Os versos mais intranquilos correspondem às interrogações — “quando é que passará esta noite interna (...)”, logo no início; e uma outra, “quando é que passará este drama sem teatro (...)”. Os momentos mais afirmativos correspondem a diversas mudanças na escrita coral, nas figuras, no tempo — como por exemplo sobre o texto “Esse mandarà, como Josué, parar o sol”. Desta forma, a escrita mais densamente homofónica corresponde a este texto afirmativo, o

qual pretende responder às enigmáticas perguntas anteriores. Daí sairá a secção final mais horizontal e estática, com o coro a desdobrar-se em “sorri minha alma” e logo depois conduzindo ao final “e então será dia”.

Paweł Łukaszewski

CZESTOCHOWA, 19 DE SETEMBRO 1968

Estudou na Academia Chopin em Varsóvia, é um compositor de música para orquestra e coral, sendo também um maestro muito activo. Tem inúmeras obras gravadas em CD. A sua música tem sido muito bem acolhida.

O texto de *Nunc dimittis* é uma passagem do Evangelho de S. Lucas (também conhecido como Cântico de Simeão). Tem utilização na Liturgia das Horas.

A escrita coral desta obra tem uma boa parte das melhores características desta nova música coral, criando de forma aparentemente simples diferentes espaços de grande transparência vocal, mas alargando os registos e as dinâmicas a um ponto de maior contraste com momentos de grande abertura e impacto. Dir-se-ia que estamos próximos de um órgão de tubos.

Ēriks Ešenvalds

PIEKULE (LETÓNIA), 26 DE JANEIRO DE 1977

Fez os seus estudos musicais na Letónia, tendo trabalhado com compositores como Philippe Manoury ou Jonathan Harvey. É um compositor de relevo no actual panorama da música, com uma carreira de sucesso atestado pelo número de obras estreadas e gravadas em algumas das principais instituições musicais, desde coros a orquestras ou editoras, em muitos países. É um dos compositores mais populares em todo o mundo, no capítulo da música coral.

Stars inclui um dispositivo sonoro peculiar: os coralistas produzem sons através da fricção de copos cheios com diferentes quantidades de água, produzindo por isso sons diferentes, com uma sonoridade imaterial e distante. Esses sons acompanham permanentemente as vozes, reaparecendo mais claramente nos momentos de menor poder sonoro. Sobre tudo isso, a obra vai-se desenvolvendo numa escrita coral plena, que é um exemplo paradigmático dos processos musicais que esta escola musical cada vez mais global vai tornando comuns. Nela se revê muitos dos processos e técnicas da música antiga, nomeadamente da polifonia, do jogo de sonoridades, da escrita diatónica aberta, da composição por planos e blocos, da relativa ausência de elementos de perturbação ou dissonância. O resultado final aproxima-se da magia e do fascínio. Se a isto juntarmos a imaterial sonoridade das estrelas, perdão, dos copos com água, com que a obra nos deixa em suspenso...

FERNANDO C. LAPA, 2022

Josef Rheinberger: *Abendlied*

*Bleib bei uns, denn es will Abend werden,
und der Tag hat sich geneiget.*

(Lucas 24: 29)

Fica connosco, porque já se faz tarde,
já é quase noite.

Carlo Gesualdo: *Tenebræ factæ sunt*

*Tenebræ factæ sunt,
dum crucifixissent Jesum Judæi:
et circa horam nonam
exclamavit Jesus voce magna:
Deus meus, ut quid me dereliquisti?*

Et inclinato capite, emisit spiritum.

*Exclamans Jesus voce magna ait:
Pater, in manus tuas commendo
spiritum meum.*

(Mateus 27: 45-46; Marcos 15: 34;

João 19: 30; Lucas 23: 46)

Fez-se escuridão
quando os judeus crucificaram Jesus:
e cerca da hora nona
Jesus exclamou em voz alta:
meus Deus, porque me abandonaste?

E inclinando a cabeça, entregou o espírito.

Dando um forte grito, Jesus exclamou:
Pai nas tuas mãos entrego o meu espírito.

Eurico Carrapatoso: *O vos omnes*

*O vos omnes
qui transitis per viam,
attendite, et videte
si est dolor similis sicut dolor meus.*

*Attendite, universi populi
et videte dolorem meum.*

(Lamentações 1: 12)

Ó vós todos
que passais pelo caminho,
olhai e vede
se existe dor igual à dor que me atormenta.

Olhai, povos do mundo
e vede a minha dor.

Eric Whitacre: *Water Night*

*Night with the eyes of a horse that trembles
in the night,
night with eyes of water in the field asleep
is in your eyes, a horse that trembles,
is in your eyes of secret water.*

*Eyes of shadow-water,
eyes of well-water,
eyes of dream-water.*

*Silence and solitude,
two little animals moon-led,
drink in your eyes,
drink in those waters.*

*If you open your eyes,
night opens, doors of musk,
the secret kingdom of the water opens
flowing from the center of night.*

*And if you close your eyes,
a river
[a silent and beautiful current]
fills you from within,
flows forward, darkens you:
night brings its wetness to beaches in your soul.*
(Octavio Paz/Inglês: Muriel Rukeyser)

A noite de olhos de cavalo que tremem
na noite,
a noite de olhos de água no campo adormecido
está nos teus olhos de cavalo que treme,
está nos teus olhos de água secreta.

Olhos de água de sombra,
olhos de água de poço,
olhos de água de sonho.

O silêncio e a solidão,
como dois pequenos animais guiados pela lua,
bebem nesses olhos,
bebem nessas águas.

Se abrires os olhos,
abre-se a noite de portas de musgo,
abre-se o reino secreto da água
que jorra do centro da noite.

E se os fechas,
um rio
[uma corrente suave e silenciosa]
inunda-te por dentro,
avança, e te entristece,
A noite molha margens na tua alma.

Francis Poulenc: *Un soir de neige*

1. De grandes cuillers de neige...

*De grandes cuillers de neige
Ramassent nos pieds glacés
Et d'une dure parole
Nous heurtons l'hiver têtu*

*Chaque arbre a sa place en l'air
Chaque roc son poids sur terre
Chaque ruisseau son eau vive
Nous nous n'avons pas de feu.*

Grandes blocos de neve
Prendem os nossos pés congelados
E com palavras duras
Enfrentamos o Inverno obstinado

Cada árvore tem o seu lugar no ar
Cada rocha o seu peso sobre a terra
Cada riacho a sua água viva
Nós, nós não temos fogo.

2. La bonne neige...

*La bonne neige le ciel noir
Les branches mortes la détresse
De la forêt pleine de pièges
Honte à la bête pourchassée
La fuite en flèche dans le coeur*

*Les traces d'une proie atroce
Hardi au loup et c'est toujours
Le plus beau loup et c'est toujours
Le dernier vivant que menace
La masse absolue de la mort.*

3. Bois meurtri...

*Bois meurtri bois perdu d'un voyage
en hiver
Navire où la neige prend pied
Bois d'asile bois mort où sans espoir
je rêve
De la mer aux miroirs crevés*

*Un grand moment d'eau froide a saisi
les noyés
La foule de mon corps en souffre
Je m'affaiblis je me disperse
J'avoue ma vie j'avoue ma mort
j'avoue autrui.*

4. La nuit le froid la solitude...

*La nuit le froid la solitude
On m'enferma soigneusement
Mais les branches cherchaient leur voie
dans la prison
Autour de moi l'herbe trouva le ciel
On verrouilla le ciel
Ma prison s'écroula
Le froid vivant le froid brûlant m'eut bien
en main.*

(Paul Éluard)

A neve bela o céu negro
Os ramos mortos a angústia
A floresta plena de armadilhas
Humilhação do animal perseguido
Cuja fuga é como uma seta no coração

Os rastos de uma presa atroz
Corajoso o lobo que é sempre
O lobo mais belo e é sempre
O último sobrevivente que ameaça
O peso absoluto da morte.

Bosque devastado, bosque destruído após
uma viagem de Inverno
Navio onde a neve se amontoa
Bosque de abrigo bosque morto onde sonho
sem esperança
Com um mar de espelhos despedaçados
Uma grande vaga de água fria apanhou
os afogados
Todo o meu corpo sofre
Eu enfraqueço e disperso-me
Enfrento a minha vida enfrento a minha morte
enfrento o próximo.

A noite o frio a solidão
Isolaram-me cuidadosamente
Mas os ramos procuravam o seu caminho
na prisão.
Em meu redor a erva encontrou o céu.
Aferrolharam o céu
A minha prisão desmoronou-se
O fogo vivo o fogo ardente aprisionou-me
em suas garras.

John Tavener: *As One Who Has Slept*

*As one who has slept the Lord has risen
And rising he has saved us. Alleluia.*

Como quem adormeceu, o Senhor ressuscitou
E ressuscitando ele nos salvou. Aleluia.

Rui Paulo Teixeira: *Tenebræ et Lux*

Aproxima a boca

Aproxima a boca da nascente:

não te importes

se for silêncio só

o que te chega aos ouvidos:

é música

ainda. Tenta uma vez mais

levantar a mão até ao bafo

da primeira estrela,

a pupila atenta

ao rumor de cada sílaba:

não tens outro país, não tens

outro céu.

Com a boca, com os olhos,

com os dedos

procura tocar a terra cheia

do teu coração.

Outra vez.

(Eugénio de Andrade, excerto de "O Sal da Língua")

Tenebræ factæ sunt

Tenebræ factæ sunt,

dum crucifixissent Jesum Judæi:

et circa horam nonam

exclamavit Jesus voce magna:

Deus meus, ut quid me dereliquisti?

Et inclinato capite, emisit spiritum.

(Mateus 24: 45-46; João 19: 30)

Fez-se escuridão

quando os judeus crucificaram Jesus:

e cerca da hora nona,

Jesus exclamou em voz alta:

meu Deus, porque me abandonaste?

E inclinando a cabeça, entregou o espírito.

Contra a obscuridade

“O olhar desprende-se, cai de maduro”
(excerto)

*O olhar desprende-se, cai de maduro.
Não sei que fazer de um olhar
que sobeja na árvore,
que fazer desse ardor
que sobra na boca,
no chão aguarda subir à nascente.*
(Eugénio de Andrade, in “Antologia Breve”)

O peso da sombra

“É por dentro que a boca é luminosa”
(excerto)

*É por dentro que a boca é luminosa.
A luz derrama-se na língua, e canta.*
(Eugénio de Andrade, in “Antologia Breve”)

Tenebræ factæ sunt

*Exclamans Jesus voce magna ait:
Pater, in manus tuas
commendo spiritum meum.*

Et inclinato capite, emisit spiritum.
(Lucas 23: 46; João 19: 30)

Jesus exclamou em voz alta e disse:
Pai, nas tuas mãos
entrego o meu espírito.

E inclinando a cabeça, entregou o espírito.

Coda

*A luz,
a luz trazida
pelos rosados pés dos pombos
dos confins da alegria*

*— quem pudera levá-la
à boca e dormir apaziguado.*
(Eugénio de Andrade, in “O Sal da Língua”)

Alfredo Teixeira:

O Magnificat de Álvaro de Campos

*Quando é que passará esta noite interna,
o universo,
E eu, a minha alma, terei o meu dia?
Quando é que despertarei de estar acordado?
Não sei. O sol brilha alto,
Impossível de fitar.
As estrelas pestanejam frio,
Impossíveis de contar.
O coração pulsa alheio,
Impossível de escutar.
Quando é que passará este drama sem teatro,
Ou este teatro sem drama,
E recolherei a casa?
Onde? Como? Quando?
Gato que me fitas com olhos de vida, que
tens lá no fundo?
É esse! É esse!
Esse mandará como Josué parar o sol e
eu acordarei;
E então será dia.
Sorri, dormindo, minha alma!
Sorri, minha alma, será dia!*
(Fernando Pessoa)

Paweł Łukaszewski: Nunc dimittis

*Nunc dimittis servum tuum, Domine,
secundum verbum tuum in pace,
quia viderunt oculi mei salutare tuam,
quod parasti ante faciem omnium populorum,
lumen ad revelationem gentium
et gloriam plebis tuae Israel.*
(Lucas 2: 29-32)

Agora, Senhor, segundo a tua palavra,
deixarás ir em paz o teu servo,
porque meus olhos viram a salvação
que ofereceste a todos os povos,
luz para se revelar às nações
e glória de Israel, teu povo.

Ēriks Ešenvalds: *Stars*

Alone in the night

On a dark hill

With pines around me

Spicy and still,

And a heaven full of stars

Over my head,

White and topaz

And misty red;

Myriads with beating

Hearts of fire

That aeons

Cannot vex or tire;

Up the dome of heaven

Like a great hill,

[I watch them marching

Stately and still,]

And I know that I

Am honored to be

Witness

Of so much majesty.

(Sara Teasdale)

Sozinha na noite

Numa colina escura

Rodeada de pinheiros

Picantes e quietos,

E um céu cheio de estrelas

Sobre a minha cabeça,

Branco e topázio

E vermelho nebulosa;

Miríades de corações de fogo

Pulsando

Que as eras

Não atormentam ou cansam;

Até ao cimo da abóbada celeste

Como uma grande montanha,

[Observo-as marchando

Imponentes e silenciosas,]

E eu sei que

Tenho a honra de ser

Testemunha

De tanta majestade.

Pedro Teixeira direcção musical

Pedro Teixeira nasceu em Lisboa. É Mestre em Direcção Coral pela Escola Superior de Música. Foi maestro titular do Coro de la Comunidad de Madrid (2012-2018) onde, para além de preparar obras sinfónicas, desenvolveu um trabalho de refinamento do som do coro através de um labor regular de fusão e afinação e de uma programação de concertos na Sala de Câmara do Auditorio Nacional de Musica (Madrid).

É maestro adjunto do Coro Casa da Música desde Janeiro 2022, e tem dirigido, desde 2018, o Coro Gulbenkian em diversas ocasiões e palcos, tais como o grande auditório da Fundação Gulbenkian, o Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e a Fundación March (Madrid).

Conhecido no mundo coral pelas suas actuações perspicazes e sensíveis, especializou-se em construir e manter o som nuclear, a pureza de emissão vocal e a musicalidade dos coros com que trabalha.

O seu interesse constante na música antiga levou-o a formar, no ano 2001, o Officium Ensemble, um grupo profissional dedicado à investigação e à interpretação da polifonia portuguesa dos sécs. XVI e XVII. Desde esse ano, tem-se apresentado amplamente com este grupo, ganhando prémios internacionais. É também com o Officium Ensemble que integra a programação de alguns dos mais reconhecidos festivais de música antiga da Europa, nomeadamente o Laus Polyphoniae (Antuérpia) e o Oude Muziek (Utrecht), para os quais é convidado recorrentemente desde o ano de 2011.

Pedro Teixeira dedica-se também à música contemporânea e, como maestro do Coro Ricercare (Lisboa) desde 2001, dirige várias primeiras audições absolutas por temporada.

De 2011 a 2014, foi frequentemente requisitado para preparar programas como maestro

convidado do Coro Gulbenkian. Neste contexto, destacam-se a *Missa em Si menor* de Bach, *Falstaff* de Verdi, *Solomon* de Händel e *Seven Last Words from the Cross* de James MacMillan.

Como cantor, actuou praticamente por toda a Europa, nos Estados Unidos, na América do Sul, em África e no Reino Unido, com grupos como o Coro Gulbenkian, a Cappella Portuguesa (Owen Rees) e o Coro Gregoriano de Lisboa, no qual é também solista. É professor nas Escolas Superiores de Música e de Educação de Lisboa.

Pedro Teixeira é, desde 1997, director artístico das Jornadas Internacionais Escola de Música da Sé de Évora (Eboræ Mvsica), e tem orientado vários *workshops* corais, como por exemplo o Victoria 400 em Barcelona e o Curso Internacional de Música Medieval e Renascentista de Morella. É regularmente convidado para integrar o júri em concursos e festivais de coros, nomeadamente no Festival Coral de Verão de Lisboa, no Gran Premio de Canto Coral (Espanha), no Winter Choral Festival (Hong Kong), e no Singapore International Choral Festival.

Preparou coros profissionais em colaboração com maestros como J. Nelson, J. Carneiro, V. P. Perez, R. Muti, P. McCreesh, L. Viotti e L. Foster, em obras como *A Criação* de Haydn, *War Requiem* de Britten, *Falstaff* e *Requiem* de Verdi.

Em 2018, voltou com o Officium Ensemble aos festivais de música antiga de Utrecht (Oude Muziek) e Antuérpia (Laus Polyphoniae), e em 2021 ao Festival de Úbeda y Baeza. Em 2019, com o Coro Ricercare, regressou ao Festival Internacional de Música de Marvão, onde é maestro titular do Marvão Festival Chorus.

Em 2021 e 2021, dirigiu uma vez mais o Coro Gulbenkian, no Festival Música em São Roque e no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório eclético que se estende desde os primórdios da polifonia medieval à nova música. Ao longo dos anos, apresentou em estreia mundial obras de Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Mais recentemente, dividiu com o Remix Ensemble a primeira audição mundial do *Requiem* de Francesco Filidei. Fez ainda estreias nacionais de obras de compositores fundamentais do nosso tempo como Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos

XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal e Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral e Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi e muitas outras.

A temporada de 2022 confirma a versatilidade do Coro, atravessando praticamente todos os períodos da história da música coral, desde Palestrina e Bach ao experimentalismo de Mauricio Kagel e Cornelius Cardew, incluindo obras-chave como as *Vésperas* de Rachmaninoff e Motetes de Bruckner, além de música contemporânea de compositores portugueses. Em parceria com as orquestras da Casa da Música, interpreta o *Requiem* de Verdi, a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, o *Credo* de Arvo Part e a *Missa Cellensis* de Haydn.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e no Auditório Nacional de Madrid, no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

Sopranos

Alexandra Moura
Ângela Alves
Joana Pereira
Leonor Barbosa de Melo
Rita Venda

Contraltos

Joana Guimarães
Iris Oja
Maria João Gomes
Sara Cruz

Tenores

Alberto Vilas Boas
Bernardo Pinhal
Rui Aleixo
Vitor Sousa

Baixos

Francisco Reis
Luís Pereira
Pedro Guedes Marques
Ricardo Torres
Tomé Azevedo

Órgão

Luís Duarte

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

